



## **Centralidade e setor terciário: Metodologia e análise da dispersão e concentração de atividades econômicas entre áreas de centralidade públicas e privadas em Curitiba (PR)**

### **Autores:**

Gustavo Domingues Gaspari - UFPR - gasparigd@gmail.com

### **Resumo:**

O objetivo deste artigo é refletir sobre o processo de constituição de áreas de centralidade no contexto contemporâneo a partir da concentração de atividades econômicas do setor terciário da economia. À dinâmica complexa de estruturação urbana responsável pelo surgimento de novas áreas de centralidade públicas para além do Centro, soma-se o fenômeno do surgimento de shopping centers, estruturas privadas que divergem das anteriores tanto no que diz respeito aos agentes promotores, tempo de formação e público ao qual se dirigem. Os resultados obtidos para Curitiba através da espacialização de alvarás de localização comercial para cinco tipos distintos de atividades terciárias demonstraram que a influência dos shopping centers é variável de acordo com o ramo de atividade observado, mas, no cômputo geral, detêm significativo poder de concentração de atividades, além de indicar para a consolidação de subcentros periféricos, numa dinâmica dupla voltada para diferentes estratos de renda.

## CENTRALIDADE E SETOR TERCIÁRIO

Metodologia e análise da dispersão e concentração de atividades econômicas entre áreas de centralidade públicas e privadas em Curitiba (PR)<sup>1</sup>

Gustavo Domingues Gaspari<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o processo de constituição de áreas de centralidade no contexto contemporâneo a partir da concentração de atividades econômicas do setor terciário da economia. À dinâmica complexa de estruturação urbana responsável pelo surgimento de novas áreas de centralidade públicas para além do Centro, soma-se o fenômeno do surgimento de *shopping centers*, estruturas privadas que divergem das anteriores tanto no que diz respeito aos agentes promotores, tempo de formação e público ao qual se dirigem. Os resultados obtidos para Curitiba através da espacialização de alvarás de localização comercial para cinco tipos distintos de atividades terciárias demonstraram que a influência dos *shopping centers* é variável de acordo com o ramo de atividade observado, mas, no cômputo geral, detêm significativo poder de concentração de atividades, além de indicar para a consolidação de subcentros periféricos, numa dinâmica dupla voltada para diferentes estratos de renda.

Palavras-chave: Centralidade intraurbana, setor terciário, subcentros, *shopping centers*, Curitiba.

### INTRODUÇÃO

A centralidade intraurbana é um atributo importante expresso em determinadas áreas da cidade cujo poder estruturador se revela pela possibilidade de atração de fluxos e concentração de atividades que influenciam os deslocamentos e as práticas sociais de parcelas da cidade ou da cidade como um todo. As mudanças nas dinâmicas de constituição de centralidade intraurbana levam à reestruturação de seu espaço, fenômeno complexo cujo

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Arquiteto e Urbanista. Mestrando em Planejamento Urbano pela Universidade Federal do Paraná. Aluno bolsista CAPES/Fundação Araucária. gasparigd@gmail.com

estudo é salutar para a melhor compreender o processo de contínua transformação da cidade e, por consequência, a realidade sobre a qual o planejador urbano atua.

A discussão parte do princípio de que, assim como as lógicas de estruturação urbana se tornaram mais complexas e necessitaram de leituras mais dinâmicas, a centralidade deixou de ser um atributo próprio unicamente do Centro da cidade e passou a se difundir e dispersar no território sendo expressa por diferentes tipos de centros, funcional e simbolicamente. A maneira como essa dinâmica se realizou remete não apenas a novas localizações em relação ao Centro e ao surgimento de subcentros, ensejando estruturas urbanas de múltiplos núcleos organizados hierarquicamente, mas também a novas estratégias locais promovidas por atores privados ligados ao grande capital que promove o surgimento de grandes estruturas comerciais.

No contexto do recorte analisado, o município de Curitiba, verifica-se que o crescimento da ocupação urbana foi acompanhada do surgimento de novas áreas de centralidade nos bairros, de maneira a atender às necessidades mais imediatas por comércio e serviços do contingente populacional que passou a ocupar tais áreas, conforme identificado ao longo do tempo por estudos promovidos pela administração pública. Entretanto, quanto ao surgimento de novos espaços privados de comércio e serviços, que pela sua concentração e diversidade de atividades exercem forte centralidade, tais como os *shopping centers*, defende-se que estes não foram devidamente considerados pelo planejamento urbano em Curitiba em que pese seu alto grau de impacto na estruturação urbana face à abrangência da influência nas práticas de deslocamento que exercem.

Com o objetivo de investigar justamente a influência das grandes estruturas privadas exercida sobre a dinâmica de dispersão e concentração de atividades econômicas no espaço urbano, o presente trabalho realiza um comparativo entre a distribuição geral de cinco tipos de atividades econômicas e a concentração das mesmas promovida pela tanto pela implantação de shopping centers quanto por sua concentração em estabelecimentos em áreas públicas. A partir de uma metodologia que realizou uma espacialização das atividades econômicas no território a partir da liberação de alvarás por parte da municipalidade, o estudo pôde indicar dinâmicas distintas entre áreas da cidade e entre ramos de atividade, além de diferentes núcleos entre o público e o privado.

## A CENTRALIDADE ENQUANTO ESTRUTURADORA DO URBANO: DIFERENTES ESTRATÉGIAS

A centralidade urbana consiste num processo que condiz com a própria essência do fenômeno urbano. Ao discutir a importância do papel do urbano, Lefebvre o evidencia como elemento agregador da sociedade que permite o estabelecimento de suas relações sociais e que, ao mesmo tempo, são imprescindíveis à própria existência da cidade:

A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto,

ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações. (LEFEBVRE, 1999, p. 111).

Nesse sentido, é importante destacar que a centralidade pode ser apreendida a partir de duas escalas distintas, a intraurbana e a interurbana. Em outras palavras, a cidade, como uma unidade, pode ser o centro para uma determinada região geográfica e, ao mesmo tempo, nela é possível identificar uma ou mais áreas dentro do tecido urbano que exercem, em maior ou menor grau, centralidade sobre o restante. Na escala intraurbana, a centralidade é tida como um elemento com alto poder estruturador do espaço urbano e, assim sendo, tem relação direta com o processo de estruturação urbana.

Ao longo do século XX, diferentes áreas da ciência, tais como a Geografia, a Sociologia e a Economia, desenvolveram estudos e teorias acerca da estruturação urbana, que para Tourinho (2007) perfizeram uma trajetória de "permanências terminológicas e rupturas conceituais". Nessa trajetória, termos como "estrutura urbana", "centralidade", "descentralização", "área central" e "segregação", apenas para citar alguns exemplos, seguiram e seguem sendo utilizados nas ciências urbanas, não sem terem sofrido, contudo, importantes transformações conceituais em face da crescente complexidade que o fenômeno urbano assume.

Nesse sentido, Tourinho (2007) afirma que as novas áreas de centralidade são resultantes de "novos sistemas de produzir centralidade", diferentes da sistemática tradicional responsável, por exemplo, pelo surgimento do Centro. Para a discussão acerca dessas diferentes "sistemas", é importante ressaltar que, no âmbito da centralidade intraurbana, destacam-se como atividades econômicas cujas estratégias locacionais têm estreita relação com este fenômeno aquelas reunidas no que se convencionou chamar de setor terciário da economia, embora existam agrupamentos industriais que também cumprem alguns dos mesmos requisitos, tais como alta acessibilidade e concentração de atividades.

O setor terciário pode ser definido como aquele que "incorpora atividades que não produzem nem modificam objetos físicos (produtos ou mercadorias)" e divide-se numa série de categorias que incluem "não somente o comércio varejista e atacadista, mas também a prestação de serviços, as atividades de educação, cultura, lazer, turismo, profissionais liberais, sistema financeiro, administração e marketing, etc." (VARGAS, 2001, p. 52). Algumas dessas atividades podem ser de caráter público, como administração e serviços de diversas categorias, o que significa dizer que o poder público também exerce importante influência na dinâmica de formação de novas áreas de centralidade através das decisões tomadas e dos instrumentos de planejamento urbano utilizados, bem como na descentralização de sua própria estrutura administrativa e de prestação de serviços.

Não obstante, as atividades privadas têm elevada importância na análise da dinâmica de formação de áreas de centralidade, uma vez que suas necessidades locacionais são diferentes do setor público (VARGAS, 2001) e apontam mais fielmente para as mudanças nas disputas e estratégias de localização empreendidas sob os diferentes capitais que, por sua vez, são relacionados às próprias transformações no modo de produção capitalista e nos hábitos

de deslocamento e consumo da população<sup>1</sup>. Conforme discute Castells (1983), os processos sociais que estruturam o espaço urbano exprimem as especificidades de cada tipo e período da organização social. Assim, conforme o sistema capitalista passa a ser apoiar cada vez mais nas atividades terciárias como forma de reproduzir-se, este setor passa a agregar mais e mais importância nas estratégias de acumulação, que têm como consequências espaciais a difusão da centralidade como forma de assegurar a continuidade da acumulação de capital.

Para Vargas (2001), a necessidade de encontros que as atividades terciárias requerem, em especial as varejistas<sup>2</sup>, têm forte relação com a centralidade, mas as estratégias locais para que tais encontros ocorram se alteraram recentemente na longa trajetória do setor terciário iniciada muito antes da ascensão do sistema econômico capitalista. No século XIX, quando a separação entre as atividades de produção e de comercialização começa a se aprofundar e há maior concentração de capital no setor comercial, surgem as grandes lojas, lojas de departamento, lojas de variedades, galerias comerciais e mercados cobertos, entre outros estabelecimentos de maior porte, um tipo que "não apenas busca a centralidade urbana, mas a recria, internamente ao seu estabelecimento" (VARGAS, 2001, p. 330). Não obstante, a exemplo da pequena loja, ainda se tratam de atividades promovidas por agentes comerciais, cujo objetivo e acumulação de capital se dá pela venda de mercadorias a consumidores, para as quais a busca por localizar-se onde já se verifica o maior trânsito de possíveis clientes é fundamental.

Por isso, tanto a pequena quanto a grande loja, com o objetivo de aumentar suas vendas, buscavam localizar-se no ponto ótimo, buscavam uma centralidade já existente e, com sua atividade, também a reforçavam, competindo entre si pela melhor localização no espaço público. Entretanto, a associação entre o aumento da acessibilidade impulsionado pela difusão das formas de transporte sobre trilhos e automotoras, e a expansão do tecido urbano, com correspondente existência de mercado consumidor nessas novas áreas urbanizadas propiciou a ocorrência do processo de descentralização e formação de novas áreas de centralidade. Assim, "a competição entre firmas comerciais pressupunha anteriormente uma localização central; agora, adicionalmente, várias localizações descentralizadas" (CORRÊA, 1989, p. 46). Isso significa que o processo de competição por localizações intraurbanas do setor terciário deixou de ter apenas no Centro seu ponto ótimo e passou a ocorrer também em função de centros de menor influência, quantitativa e qualitativa, cuja posição espacial se dá pela acessibilidade promovida pela existência de estruturas de transporte coletivo e/ou importantes vias de ligação.

---

<sup>1</sup> De acordo com Pintaui (1992), a concentração e centralização de capital no setor terciário permitiu o monopólio da distribuição de mercadorias pelas grandes redes se possibilitou que o terciário passasse a ditar o comportamento do setor secundário, invertendo uma lógica que, durante muito tempo, considerava o comércio uma atividade dependente da indústria.

<sup>2</sup> É importante destacar que as tecnologias da informação têm impacto importante na necessidade de encontros relacionadas às atividades de comércio e serviços, podendo incorrer na diminuição de alguns deslocamentos, como através do e-commerce, por exemplo. No entanto, conforme discutido por Ascher (2010, p. 66) "o comércio eletrônico não substitui o comércio 'tradicional', ele o recompõe. [...] a atratividade das lojas se estabelece em outros termos: os consumidores devem encontrar produtos, informações e sensações que o comércio eletrônico não proporciona".

Contudo, apesar da "perda relativa do peso e da importância do centro 'principal' em estruturas espaciais tipicamente monocêntricas" (SPOSITO, 2013, p. 74), o tipo de estrutura urbana resultante desse processo indica um sistema hierarquizado de centros, no qual o Centro retém a primazia de sua organização frente ao surgimento de subcentros, centros e eixos viários especializados, por exemplo. Quando se constata a existência de vários centros conformados sob tal lógica, há o que Sposito (2010, 2013) denomina como "multicentralidade". Em outras palavras,

[...] a cidade monocêntrica e a que, historicamente, sucedeu-lhe, a multicêntrica, eram muito semelhantes entre si [...]. Ambas tinham estruturas espaciais articuladas em torno de um centro (chamado de histórico, tradicional ou principal), ainda que a segunda conhecesse o aparecimento de subcentros e de outras áreas comerciais e de serviços. Tal surgimento não implicava, como procurei demonstrar, a ruptura da lógica anterior de estruturação dos espaços urbanos, visto que as novas áreas centrais eram hierarquicamente menos importantes que a primeira a desempenhar papéis centrais e, além disso, geravam e geram fluxos de menor abrangência espacial e menor densidade, em termos do número de pessoas e capacidade de consumo. (SPOSITO, 2013, p. 77)

No entanto, mais transformações no âmbito do comércio e serviços se processaram, como a crescente centralização do capital no setor terciário, acompanhado da penetração do capital financeiro no setor e aliada "à produção em massa, à concentração crescente de pessoas nas cidades, ao aumento quantitativo e qualitativo do consumo e à generalização do uso do automóvel" (PINTAUDI, 1992, p. 27). Tais fatores permitiram o surgimento, desenvolvimento e proliferação do que aqui chamamos de "formas contemporâneas de expressão da centralidade", tais como os *shopping centers*, hipermercados e outras grandes estruturas comerciais, que se baseiam no desenvolvimento varejista planejado (VARGAS, 2001) e escapam à lógica anterior de constituição da centralidade.

Isto porque, nesse contexto, a centralidade não mais se processa através do movimento de diversos comerciantes e prestadores de serviços buscando e competindo por localizações que permitam o melhor desempenho da sua atividade econômica, mas sim por um único agente ligado ao grande capital mercantil, como no caso de hipermercados, ou, numa dinâmica ainda mais distinta, por agentes do setor imobiliário, cujos objetivos são outros. Nessa relação entre localização das atividades e seus agentes produtores, há, portanto, uma inversão, na qual se constata, já na fase do "capitalismo monopolista", a "centralização do capital e descentralização espacial, diferente, portanto, do que ocorria no capitalismo concorrencial, onde a centralização espacial derivava de uma dispersão de capitais" (CORRÊA, 1989, p. 47),

No caso específico do capital imobiliário, a diferença de sua atuação para a do capital mercantil é de crucial importância para a redefinição da centralidade, uma vez que sua atividade de acumulação não ocorre com comercialização de mercadorias e produtos, mas sim a com a comercialização de localizações no espaço urbano, ou da tentativa da reprodução

do "ponto"<sup>3</sup> e sua mercantilização como se fosse um produto (VILLAÇA, 2001). Em resumo, com as formas contemporâneas de expressão da centralidade, "o promotor imobiliário produz e põe a venda, em poucos anos, 'pontos' que o comércio tradicional levaria décadas para produzir com as aglomerações tradicionais de comércio e serviços" (VILLAÇA, 2001, p. 304).

Dessa forma, os fatores que antes determinavam a localização e que eram próprios do setor de comércio e serviços, tais como a maior circulação de pessoas, alta acessibilidade, prestígio social historicamente construído, etc., cedem espaço a outros, de interesse do setor imobiliário, como terras a preços baixos com possibilidade de elevação substancial e a agregação de valores ao preço do metro quadrado e ser comercializado (SPOSITO, 2013). Os shopping centers, por exemplo "independem da existência de uma tradição comercial na área em que se instalam porque criam o ambiente por inteiro" (PINTAUDI, 1992, p. 32)

Assim, a possibilidade de organizar a oferta de uma "variedade equilibrada" (VILLAÇA, 2001) de produtos e atividades comerciais promovida nas formas contemporâneas de expressão da centralidade, em especial pelos agentes imobiliários, que antes se desenvolvia de maneira não-planejada pela própria dinâmica concorrencial no Centro, subcentros e afins, representa uma

capacidade de criar simulacros de cidade, de criar centralidade, demonstrada pelos agentes imobiliários, [que] ultrapassa toda a experiência de séculos de urbanismo baseada na ideia de apropriação dos "lugares vantajosos" preexistentes (de qualquer ponto de vista: geográfico, social, econômico, estratégico, etc.), conformados normalmente pelo esforço coletivo da sociedade. (TOURINHO, 2007, p.25)

No mesmo sentido, Sposito explica que as dinâmicas do setor imobiliário

[...] não resultam da somatória de iniciativas de comerciantes, prestadores de serviços, pequenos empreendedores e proprietários de imóveis ou terrenos que, no decorrer do tempo, fizeram novas escolhas locacionais e contribuíram para a recomposição da centralidade urbana, de modo paulatino e gradual, pois ocorrida em interregnos de dezena(s) de anos. Ao contrário, são grandes superfícies comerciais e de serviços planejadas, construídas e ocupadas, em conjunto, num intervalo temporal relativamente curto [...] Trata-se de processo de produção do espaço urbano que não resulta da história de uma cidade no decorrer da média ou longa duração, mas que a redefine como resultado de ações deliberadas, planejadas e intencionais, pensadas por um pequeno grupo de interessados

---

<sup>3</sup> Villaça (2001, p. 304) chama a atenção para a dificuldade que a "tendência inexorável do capitalismo em transformar em mercadoria todos os produtos do trabalho" enfrenta na mercantilização do ponto comercial", pois, por mais que se insiram elementos planejados e planejáveis nessa dinâmica, a localização não se trata de algo plenamente reproduzível. Nesse sentido, e num cenário de "intensificação da globalização dos hábitos e interesses de consumo" (SPOSITO, 2010, p. 208) não surpreende que os espaços produzidos pelos empreendimentos do tipo sejam muito similares entre si, uma vez que a homogeneização torna mais fácil sua reprodução massiva e sua replicação em qualquer lugar.

nelas. Provocam mudanças profundas num interregno de tempo curto, recompõem a história da estruturação espacial de uma cidade, a partir de ação de grande impacto. (SPOSITO, 2013, p. 75-76)

É a partir dessa superação na lógica de constituição da centralidade, que se expressa o que Sposito (2010, 2013) conceitua como "policentralidade". Para a autora, além da alteração na lógica de constituição das diferentes áreas de centralidade entre o capital mercantil e o capital imobiliário, outros dois fatores distinguem a policentralidade da multicentralidade: o primeiro diz respeito à atração que as grandes estruturas comerciais exercem sobre a cidade, abrangendo todo o seu conjunto e, inclusive, polarizando moradores de outras cidades, diferente da área de influência limitada dos subcentros à determinada região da cidade. Dessa maneira, apresentam "independência de qualquer relação hierárquica referida necessariamente ao Centro da cidade" (TOURINHO, 2007, p. 25) e, assim, expressam "uma centralidade que não é hierarquicamente inferior [nem superior] à do centro principal, em termos de oferta, diversidade ou grau de especialização dos bens e serviços que oferecem, mas, sim, que compete com o centro principal" (SPOSITO, 2013, p. 75). Portanto, as formas de expressão da centralidade próprias da policentralidade, produzidas pelo capital mercantil centralizado e pelo capital imobiliário não se inserem na hierarquia previamente formada e em formação, mas a rompem.

Há também um segundo fator de diferenciação, pois os empreendimentos típicos das formas contemporâneas da centralidade contribuem para promover segmentação e seletividade socioespaciais, em alguns casos "chegando a ser uma das condicionantes de processos de segregação socioespaciais porque reforçam ou radicalizam as lógicas de separação social do uso residencial do espaço urbano" (SPOSITO, 2013, p.76). Conforme indicamos anteriormente, o desenvolvimento das grandes lojas a partir do século XIX passou a interiorizar parcialmente a centralidade por elas exercida, a tornando privada. No contexto das formas contemporâneas de expressão da centralidade esse processo se aprofunda a ponto de cindir seu espaço com o da cidade, reforçando o processo de autosegregação das classes de rendas mais elevadas verificado nos espaços residenciais:

Os SC [shopping centers] criam um microambiente de felicidade, onde parece não existirem problemas, o que, aliás, é uma das preocupações da administração do empreendimento e que tem garantido o afluxo de pessoas. [...] No Brasil, particularmente, esta 'ilha da fantasia' começa nas portas dos SC, porque a brutal disparidade na distribuição dos rendimentos afasta deles a imensa maioria da população. (PINTAUDI, 1992, p. 28)

A preponderância dos meios individuais de transporte sobre os meios coletivos, em especial do automóvel, que também se insere nas estratégias de seletividade do público alvo são, para Sposito (2013), um dos definidores da segregação socioespacial que diferencia a multi e a policentralidade. Isso porque, segundo a autora, os que se locomovem por meios de transporte coletivo estão mais limitados espacialmente, sujeitos aos



itinerários estabelecidos por outrem e nem sempre favoráveis a minimizar o afastamento espacial a que se submeteram e se submetem largas fatias dos estratos de menor poder de compra. Estão, um pouco mais, cativos do centro principal e dos subcentros, ainda os nós de organização do sistema de transportes por ônibus, de trem metropolitano e de trem suburbano. São muito mais, ainda que não exclusivamente, cidadãos da cidade monocêntrica e multicêntrica. Desse ponto de vista, apartam-se ou têm muito mais dificuldades para viver e movimentar-se na cidade policêntrica. (SPOSITO, 2013, p. 78-79, grifo nosso)

Já os que se locomovem por meios individuais de transporte têm a possibilidade de acessar mais livremente<sup>4</sup> quaisquer lugares na cidade contemporânea, "de consumir nos espaços e de consumir os espaços que lhes convier, bem como de morar onde suas condições socioeconômicas puderem alcançar", inclusive no Centro, subcentros e outras áreas especializadas, sendo, portanto, "cidadãos da cidade multi(poli)cêntrica" (SPOSITO, 2013, p. 79). Tomada da análise contida na obra de Lefebvre (1999 [1970])<sup>5</sup>, a expressão multi(poli)centralidade apresentada por Sposito (1991, 2010, 2013) representa, aqui, a coexistência e a competição entre as lógicas de constituição da centralidade e estruturação urbana "tradicionais", responsáveis pela estruturação da cidade monocêntrica à multicêntrica, com a contemporânea, que sustenta a ideia de policentralidade.

Verifica-se, portanto, que as formas contemporâneas de expressão da centralidade incidem grande impacto sobre as dinâmicas de descentralização de atividades, de constituição de novas áreas de centralidade e, conseqüentemente, na dinâmica do espaço urbano como um todo, uma vez que organizam ao redor de si fluxos que influenciam grandes porções da cidade, contribuindo para reforçar processos de segregação socioespacial e alterando lógicas pretéritas de formação e estruturação da cidade. Para discutir como o tema da centralidade se insere no recorte de análise, o município de Curitiba, a seguir é apresentada uma breve contextualização de planos, estudos e estruturas comerciais que influenciam no modo em que a centralidade se expressa e na maneira como ela é lida na cidade.

## BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO RECORTE DE ANÁLISE

A partir da análise de planos, leis e outros instrumentos de ordenação do uso e ocupação do solo em Curitiba, é possível afirmar que o tema da centralidade e da descentralização de atividades para formação de núcleos secundários permeia alguns discursos e ações ao longo do século XX. Para citar alguns exemplos, no Plano Agache, de 1943, são propostas a constituição de diversos centros (mono)funcionais, na Lei de Unidades de Vizinhança de 1960 são propostas divisões territoriais no município a fim de formar pequenos núcleos menos dependentes do Centro, enquanto no Plano Preliminar de

---

<sup>4</sup> Embora, no caso brasileiro, estes indivíduos sejam, paradoxalmente, "prisioneiros" dos vários enclaves da cidade aos quais acessam, fator que aliado ao crescente congestionamento do tráfego torna "arrefecida" a mobilidade dos que têm mais recursos (SPOSITO, 2013)

<sup>5</sup> Análise que, conforme destacado pela própria autora, é muito mais ampla, inclusive por não se referir apenas às estruturas espaciais.

Urbanismo (PPU) de 1965 é proposto o estabelecimento e desenvolvimento de centros secundários já em processo de formação, embora incipiente, em alguns bairros. Contudo, a implantação do Plano Diretor de 1966, ocorrida ao longo da década de 1970 e início da década de 1980, em que pese seu embasamento no PPU, promoveu uma ideia distinta, de expansão linear do Centro da cidade, em vez de estimular outros núcleos.

A questão da formação de áreas de núcleos secundários em Curitiba foi, entretanto, retomada e posta de maneira mais complexa pelo Plano Municipal de Desenvolvimento Urbano (PMDU), e seu estudo Estrutura Policêntrica de Curitiba (IPPUC, 1987). Apesar de discorrer brevemente sobre o surgimento dos primeiros *shoppings* na cidade, esse estudo voltou-se para a identificação de uma estrutura multicêntrica complexa, detalhada em 59 subcentros divididos em três níveis hierárquicos abaixo do centro principal a partir do acúmulo e diversidade de funções econômicas que possuíam, que deveriam ser fortalecidos em detrimento da estrutura linear. Dessa forma, tal plano "buscava uma síntese entre as características locais valorizadas pela Lei de Unidades de Vizinhança e a linearidade vigente entre 1972 e 1982" (DUDEQUE, 2010, p. 305), assim como resgatar os preceitos do PPU que afirmava terem sido desvirtuados pela implantação do Plano Diretor de 1966 e também identificar uma dinâmica em andamento independentemente da diretriz de linearidade. Dos 59 subcentros identificados, os cinco principais (Bacacheri, Portão, Hauer, Santa Felicidade e Pinheirinho), classificados como de 1º nível pelo referido estudo do IPPUC, estão expostos na Figura 1, juntamente com o Centro e a área pericentral de comércio.

A vigência das propostas e legislação decorrentes desse estudo foi curta e o objetivo de desenvolver os núcleos secundários de maneira abrangente, considerando não somente a implantação de equipamentos públicos urbanos mas também a utilização de instrumentos urbanísticos de uso e ocupação do solo diferenciados não foi continuada nas gestões seguintes. Em paralelo, foi justamente no período entre o EPC e a revisão do Plano Diretor de 2014, que trouxe novamente o tema das áreas de centralidade à pauta, que se verificou a intensificação do processo de implantação de grandes estruturas comerciais na cidade, a exemplo dos *shopping centers*, sobre os quais a influência do poder público é mais restrita, geralmente se resumindo ao processo de seu licenciamento, solicitando ao empreendedor medidas mitigadoras e compensatórias relativas ao impacto que tais estruturas causam no seu entorno imediato que, no entanto, pouco contribuem para a construção de uma "cidade pretendida" (TURBAY, 2016)<sup>6</sup> conforme se almeja nos discursos que envolvem os instrumentos de planejamento urbano. O quadro 1 traz algumas características dos *shopping centers* implantados em Curitiba ao longo das últimas quatro décadas, cuja espacialização consta na Figura 1.

---

<sup>6</sup> Nesse estudo sobre a utilização do instrumento do Relatório Ambiental Prévio em Curitiba para diversos tipos de empreendimentos de grandes dimensões, tais como *shopping centers*, hipermercados, centros comerciais, de exposições e eventos, um templo evangélico e um centro de distribuição, 17% das diretrizes apresentadas indicaram uma "contribuição do empreendimento a favor da cidade pretendida". Sobre o tema "mobilidade e acessibilidade", por exemplo, concluiu-se que 88% das ações e medidas indicadas priorizam o transporte individual motorizado. (TURBAY, 2016, p. 182, 186)

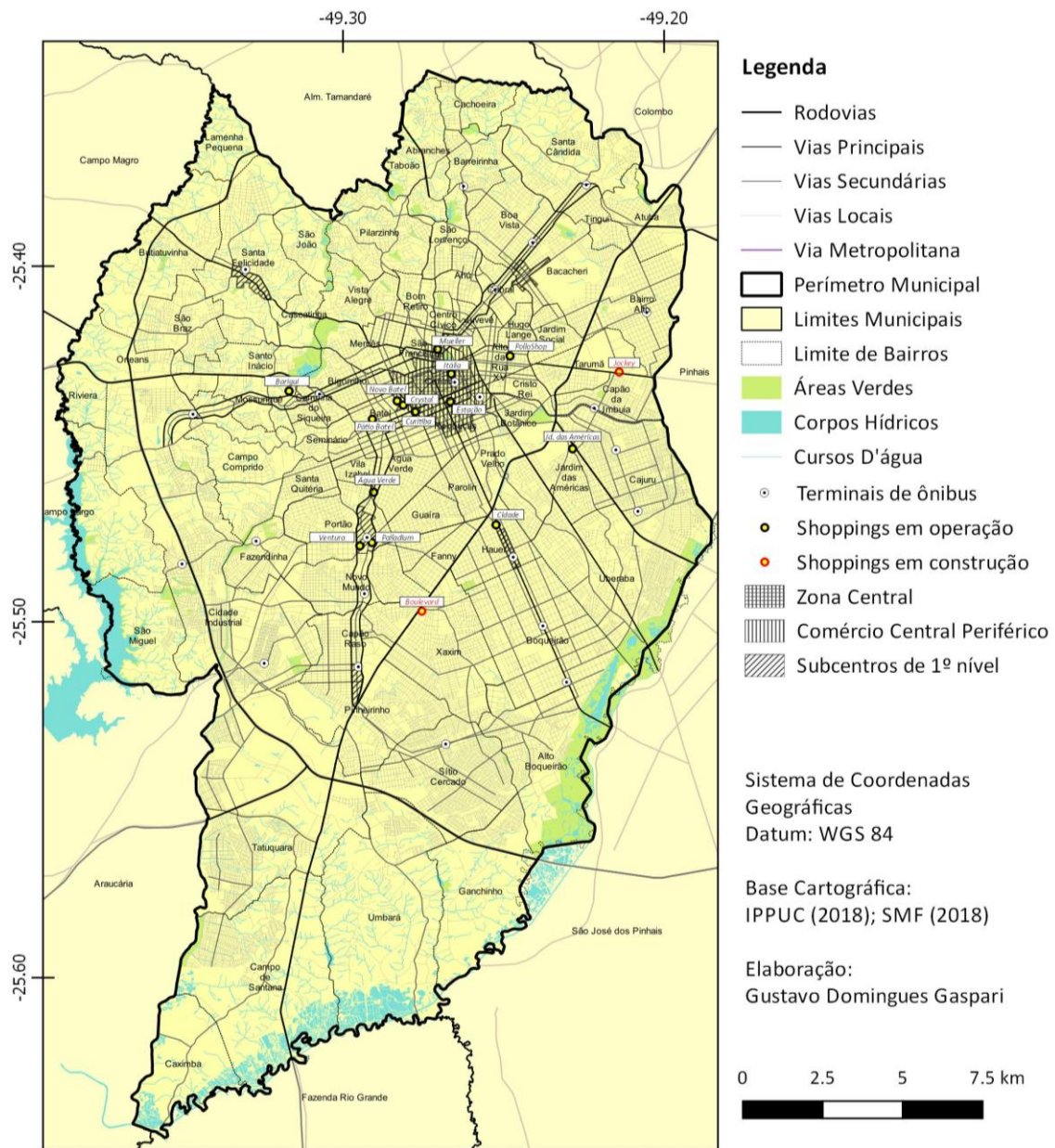
Quadro 1: Shopping Centers de Curitiba

SHOPPING CENTER	BAIRRO	DISTÂNCIA DO CENTRO*	INÍCIO DAS ATIVIDADE	ÁREA CONSTRUÍDA ATUAL
Novo Batel	Batel	1,4 km	1979	42.500 m <sup>2</sup>
Itália	Centro	0,6 km	1982	n/d
Mueller	Centro Cívico	0,7 km	1983	99.733 m <sup>2</sup>
Água Verde	Água Verde	4,2 km	1984	15.000 m <sup>2</sup>
PolloShop	Alto da Rua XV	2,5 km	1995	9.200m <sup>2</sup>
Curitiba	Centro	1,4 km	1996	82.964 m <sup>2</sup>
Crystal	Batel	1,4 km	1996	44.000 m <sup>2</sup>
Estação	Rebouças	1 km	1997	114.615 m <sup>2</sup>
Jardim das Américas	Jardim das Américas	5 km	1997	49.500 m <sup>2</sup>
Total	Portão	5,7 km	1997	77.000 m <sup>2</sup>
Cidade	Hauer	5,1 km	2003	22.000 m <sup>2</sup>
ParkShopping Barigui	Mossunguê	4,5 km	2003	146.693 m <sup>2</sup>
Palladium	Portão	5,6 km	2008	184.000 m <sup>2</sup>
Pátio Batel	Batel	2,4 km	2013	137.000 m <sup>2</sup>
Jockey (construção)	Tarumã	5,8 km	2018 (previsão)	217.058 m <sup>2</sup>
Boulevard (construção)	Xaxim	7,5 km	2019 (previsão)	25.000 m <sup>2</sup>

Nota: \*Distância linear medida até o ponto zero de Curitiba, na Praça Tiradentes.

Fonte: O autor (2018) a partir de ABRASCE (2018).

Figura 1 – Localização dos subcentros de 1º nível e dos shopping centers de Curitiba



Fonte: O autor (2018)

Considerando esse cenário e a retomada do tema em discussões mais recentes do planejamento urbano de Curitiba, questiona-se em que medida essas grandes estruturas comerciais impactam na dinâmica de distribuição e concentração de atividades econômicas no espaço intraurbano e, conseqüentemente, na centralidade intraurbana, problema para o qual a metodologia e os resultados decorrentes de sua aplicação debatidos a seguir se voltam.

## METODOLOGIA PARA A IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS DE CENTRALIDADE E RESULTADOS OBTIDOS

Para investigar a influência que as áreas de centralidade privadas exercem sobre a dinâmica geral de dispersão da centralidade no território, bem como a constituição de dinâmicas distintas de formação de áreas de centralidade, adotou-se uma metodologia voltada para a identificação de concentrações de atividades econômicas a partir da densidade de estabelecimentos de comércio e serviços. Tal metodologia é uma derivação da desenvolvida por Fonseca (2009), embasada no princípio de que alguns tipos de atividades econômicas, enquadradas no estudo com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), são geradoras de centralidade e podem indicar áreas com esse tipo de característica.

No entanto, diferentemente do trabalho desenvolvido pela autora, bem como de sua aplicação realizada por Held (2016), no presente estudo não foram utilizados dados da Relação Anual de Indicadores Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho, mas sim a relação de alvarás para liberação de atividades comerciais disponibilizada pela Secretaria Municipal de Finanças (SMF) de Curitiba no site de Dados Abertos no mês de junho de 2018 (SMF, 2018). Dessa base de dados foi possível extrair as informações das empresas com alvará no município que permitiram realizar as análises apresentadas na sequência, tais como sua razão social, endereço, data de emissão e ramos de atividade principal e secundário conforme as subclasses da CNAE.

De posse desses dados, realizou-se um recorte para estabelecer um comparativo no intento de explicitar a participação que os *shopping centers* possuem na dinâmica de estabelecimentos, o que levou à seleção cinco tipos de atividades econômicas que figuram entre aqueles que tendem a aparecer com maior frequência no *tenant mix*<sup>7</sup> praticado nesses empreendimentos: comércio de vestuário, de calçados, joalherias, informática e telecomunicações e bares e restaurantes (YUO *et al.*, 2004; OLIVEIRA, JESUS, 2016). Para fins de manuseio dos dados disponíveis, esses cinco tipos foram traduzidos em seis classes e suas dez respectivas subclasses de atividades da CNAE, conforme demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 1: Classes de atividades econômicas selecionadas para o estudo e enquadradas conforme a CNAE - IBGE

TIPO DE ATIVIDADE	ESTRUTURA CNAE 2.0 – CNAE SUBCLASSES 2.2		
	CLASSE	SUBCLASSE	DESCRIÇÃO DA SUBCLASSE
Comércio de artigos informática e telecomunicações	47.51-2	4751-2/01	Comércio varejista especializado de equipamentos e suprimentos de informática
		4751-2/02	Recarga de cartuchos para equipamentos de informática
	47.52-1	4752-1/00	Comércio varejista especializado de equipamentos de telefonia e comunicação
Comércio de vestuário	47.81-4	4781-4/00	Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios
Comércio de calçados	47.82-2	4782-2/01	Comércio varejista de calçados

<sup>7</sup> “Esta terminologia inglesa consiste no plano de determinação dos ramos e localização das lojas e pontos-de-venda dentro do centro de compras, gravitando em torno das chamadas lojas-âncora, as quais funcionam como ponto magnético da clientela.” (VENOSA, 2003, p. 263)

TIPO DE ATIVIDADE	ESTRUTURA CNAE 2.0 – CNAE SUBCLASSES 2.2		
	CLASSE	SUBCLASSE	DESCRIÇÃO DA SUBCLASSE
Joalherias	47.83-1	4782-2/02	Comércio varejista de artigos de viagem
		4783-1/01	Comércio varejista de artigos de joalheria
		4783-1/02	Comércio varejista de artigos de relojoaria
Bares e restaurantes	56.11-2	5611-2/01	Restaurantes e similares
		5611-2/02	Bares e outros estabelecimentos especializados em servir bebidas

Fonte: O autor (2018)

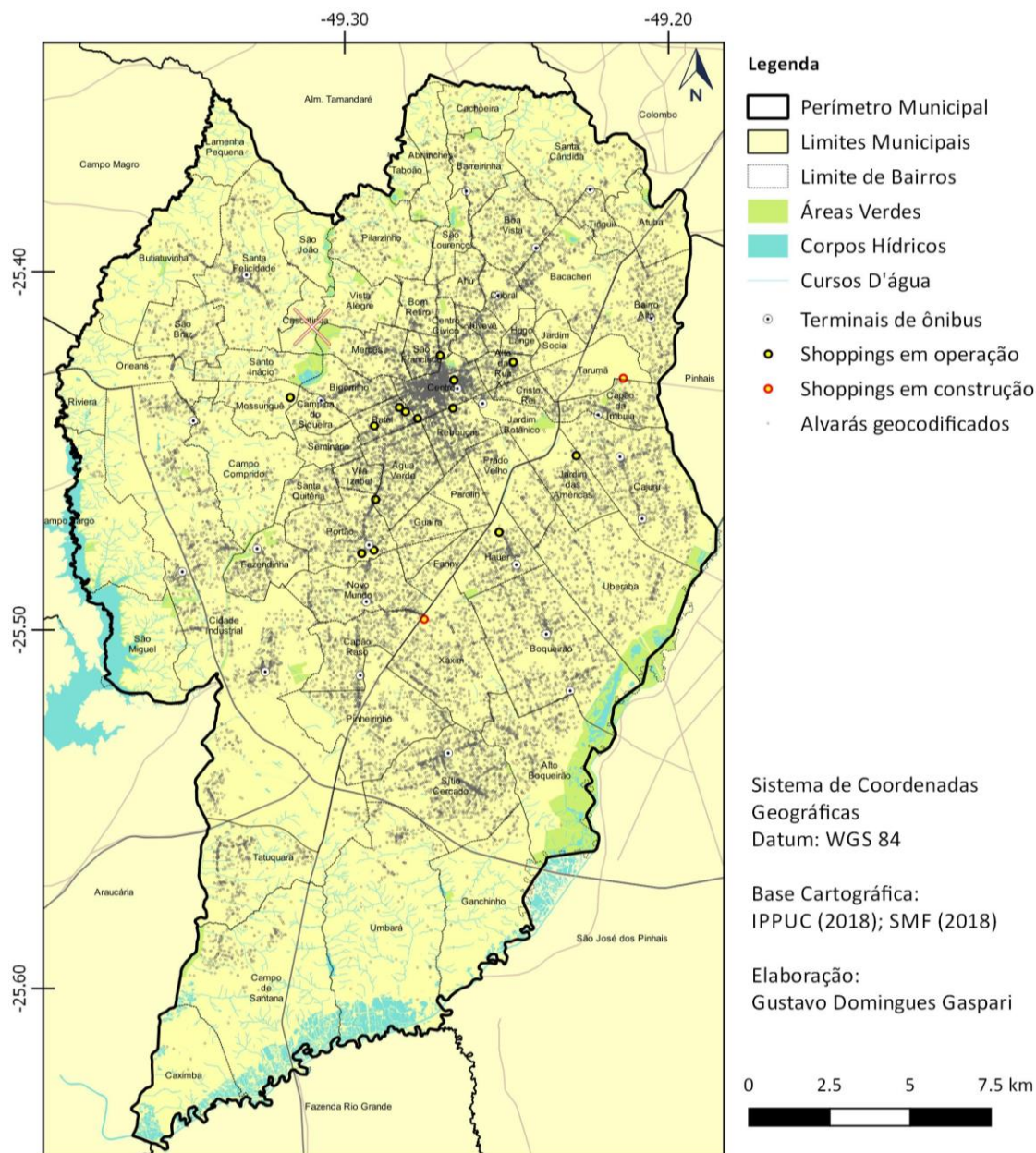
Com as informações dos ramos econômicos selecionados extraídos da base geral, foi realizado o georreferenciamento dos endereços e geração de pontos representando a localização de cada alvará emitido. Nessa etapa foi adotado o procedimento de geocodificação descrito por Santos (2017), que consiste na atribuição de coordenadas geográficas para endereços dotados de logradouro, número, bairro e o município, através dos *softwares* Google Fusion Tables e Google Earth, gerando pontos para cada endereço reconhecido. Esse procedimento resultou num acréscimo das informações de latitude e longitude aos dados tabulados originais, possibilitando a localização espacial dos pontos e o manuseio dos dados no *software* de Sistema de Informações Geográficas (SIG) Quantum GIS. Na atribuição de coordenadas geográficas durante o manuseio dos dados foi realizada também a eliminação de duplicatas, ou seja, alvarás com mesma razão social e endereço mas datas de emissão diferentes, representando, portanto, renovações da licença, mantendo-se apenas o registro mais antigo. Foi realizado também um controle de qualidade dos dados para identificar e inserir manualmente as coordenadas geográficas de endereços não reconhecidos pelo *software* Google Fusion Tables cujos campos de latitude e longitude resultaram vazios devido a questões tais como abreviações dos nomes dos logradouros, numeração incorreta, ou ausência da informação de bairro. Tal procedimento resultou na redução do número total de 48.140 registros de alvarás para 43.009, divididos entre os cinco tipos de atividade econômica selecionados conforme demonstrado na Tabela 1, que também indica as quantidades obtidas para cada ramo nos 14 *shopping centers* indicados. A espacialização desses pontos no território de Curitiba é ilustrada na Figura 2.

Tabela 1 – Quantidade de registros de alvarás por tipo de atividade econômica e localização em Shopping Centers (SCs).

RAMOS DO COMÉRCIO VAREJISTA SELECIONADOS	GERAL COM DUPLICATAS	GERAL SEM DUPLICATAS	LOCALIZADOS NOS SCs	% NOS SCs
Jóias e Relógios	883	867	144	16,61
Calçados e artigos de viagem	1.858	1.636	330	20,17
Telefonia e Informática	8.791	7.579	255	3,36
Restaurantes, bares e lanchonetes	16.746	14.939	709	4,75
Vestuário e acessórios	19.862	17.988	2.328	12,94
TOTAL	48.140	43.009	3.766	8,76

Fonte: O autor (2018) a partir de SMF (2018)

Figura 2- Distribuição dos pontos representativos dos alvarás emitidos para os ramos selecionados em Curitiba

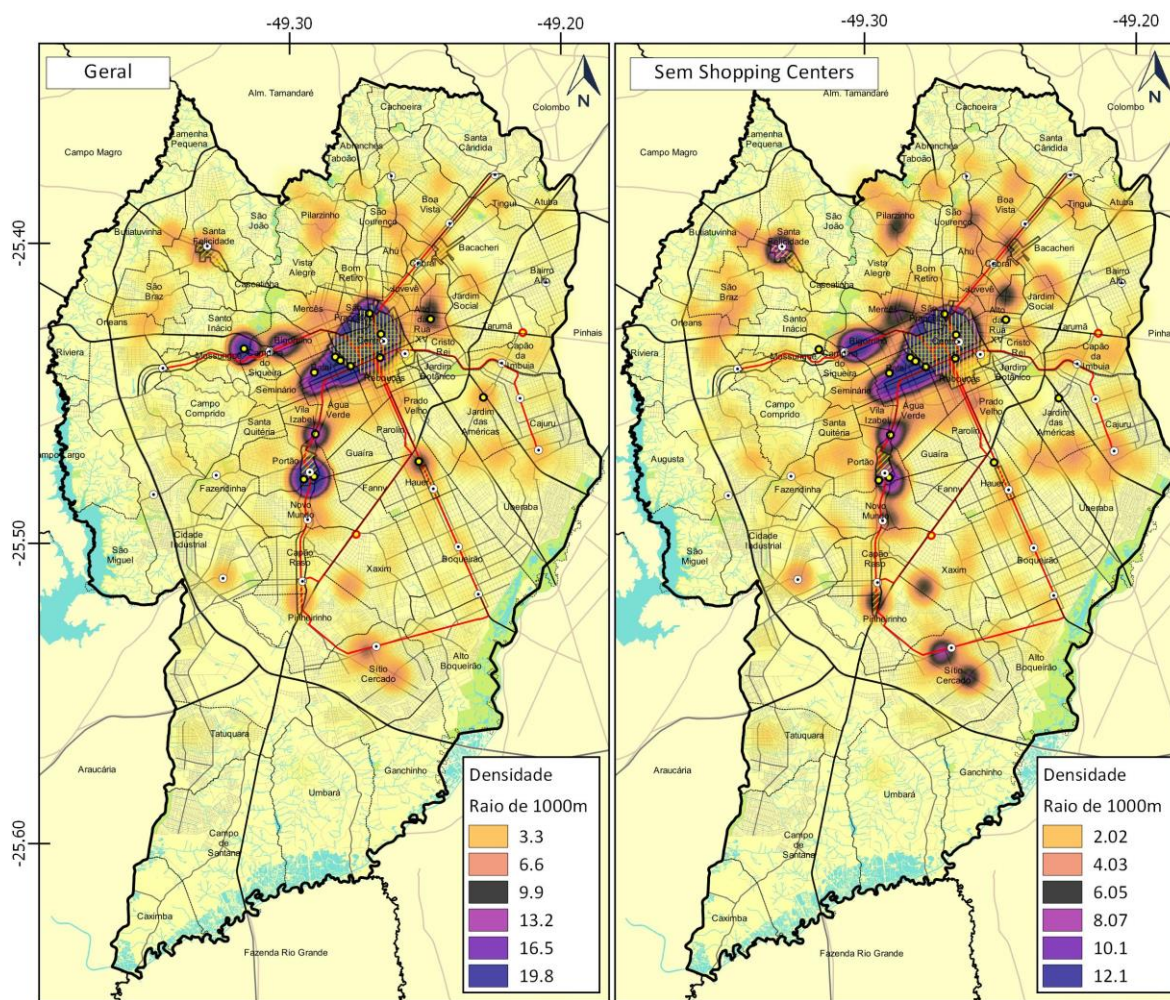


Fonte: O autor (2018)

Apesar de a simples visualização dos pontos projetados no território do município permitir alguma leitura de áreas de maior concentração de alvarás, especialmente no Centro da cidade, para compreender as diferentes densidades no território foram produzidos mapas de calor a partir do *software* Quantum GIS. A estimativa de densidades foi realizada para cada tipo de atividade selecionado e também para a totalidade dos pontos representantes dos alvarás para os cinco tipos de atividade, sendo que a gradação de densidades apresentada nas figuras a seguir varia conforme as quantidades de pontos para cada ramo, expostas na Tabela 1, e maiores ou menores patamares de densidade aferidos.

Cada uma das figuras mostradas na sequência traz comparações entre o panorama geral, no qual são considerados inclusive os alvarás em *shopping centers*, e do cenário sem as atividades inseridas nesses empreendimentos, revelando assim a diferença que estes geram. A iniciar pela classe CNAE 47.83-1, a seguir são expostos os resultados obtidos e sua discussão.

Figura 3- Densidade de distribuição de alvarás do comércio varejista de joias e relógios (Classe CNAE 47.83-1)



**Legenda**

- Rodovias
- Vias Principais
- Vias Secundárias
- Vias Locais
- Ônibus expresso

- Perímetro Municipal
- Limites Municipais
- Limite de Bairros
- Áreas Verdes
- Corpos Hídricos
- Cursos D'água

- Terminais de ônibus
- Shoppings em operação
- Shoppings em construção
- Zona Central
- Comércio Central Periférico
- Subcentros de 1º nível

Datum: WGS 84  
 Base Cartográfica:  
 IPPUC (2018); SMF (2018)  
 Elaboração:  
 Gustavo Domingues Gaspari



Fonte: O autor (2018)

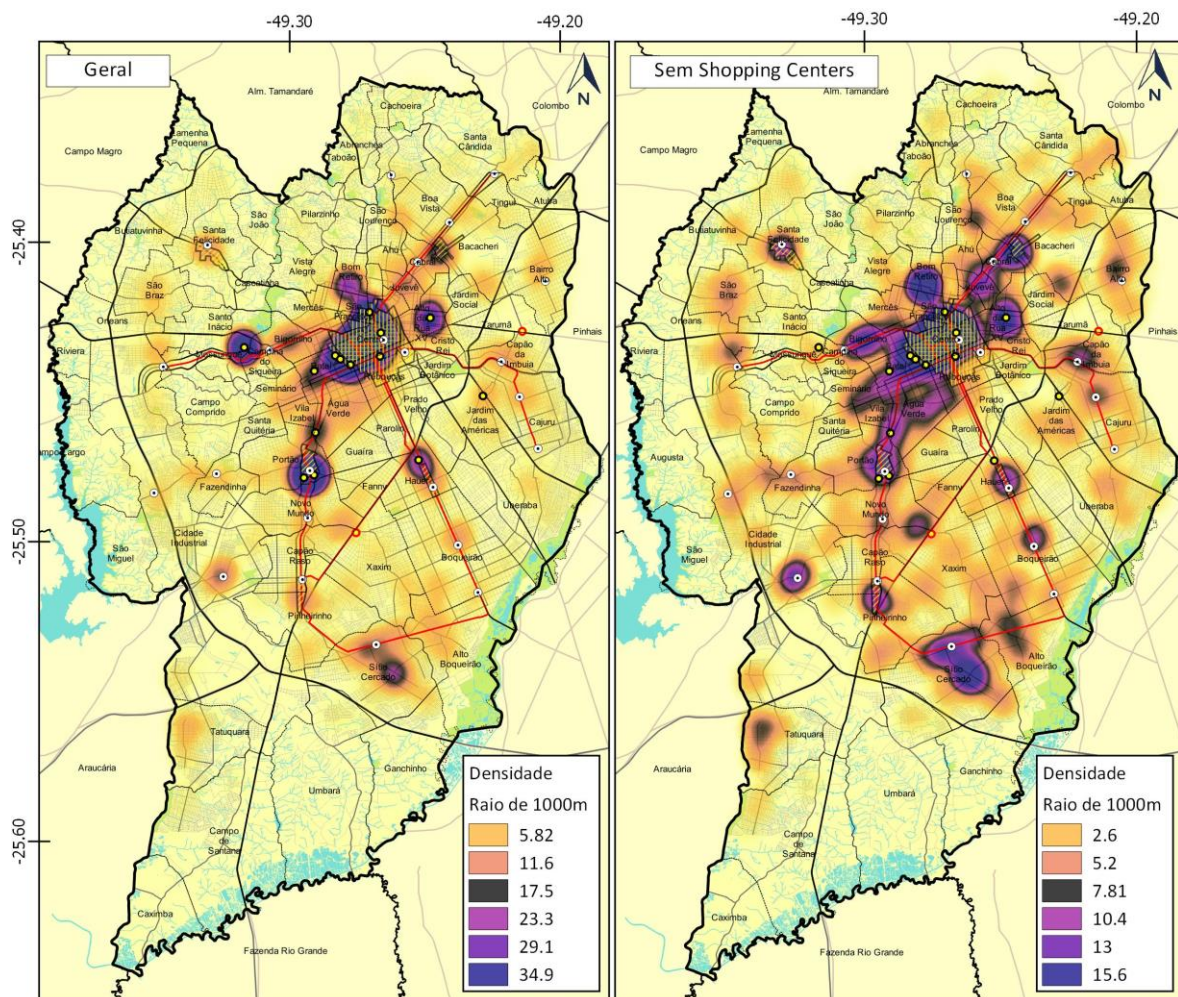
No ramo de joalherias e relojoarias verifica-se, de início e em ambos os cenários, manchas de calor pouco dispersas pela cidade, concentradas principalmente no Centro e em bairros próximos de renda elevada tais como o Batel e o Bigorrião. No cenário sem os *shoppings* são verificadas também manchas de maior intensidade ao longo de pontos do eixo estrutural sul, por onde transita o ônibus expresso, nos bairros Água Verde e Portão, além de



uma em Santa Felicidade, a noroeste do Centro, acompanhadas de manchas mais tênues em outros pontos da cidade. Destaca-se ainda que em todos os cinco subcentros destacados, há manchas com valores de média ou alta densidade para este tipo de atividade.

Ao serem contabilizados, os *shoppings*, que contém 16,61% dos alvarás emitidos para o ramo, demonstram alta capacidade de polarização, comparável em densidade apenas ao Centro e uma mancha remanescente no Bigorrião, ou, quando inseridos na mancha da área central, expandindo-a. Tal polarização para o ramo é condizente com a discussão realizada por Ferreira e Firkowski (2010), que demonstram uma tendência de saída das lojas desse ramo de espaços públicos para espaços privados. Na figura a seguir é exposto o resultado para o comércio especializado em calçados e artigos de viagem.

Figura 4- Densidade de distribuição de alvarás do comércio varejista de calçados e artigos de viagem (Classe CNAE 47.82-2) em Curitiba



**Legenda**

- Rodovias
- Vias Principais
- Vias Secundárias
- Vias Locais
- Ônibus expresso

- Perímetro Municipal
- Limites Municipais
- Limite de Bairros
- Áreas Verdes
- Corpos Hídricos
- Cursos D'água

- Terminais de ônibus
- Shoppings em operação
- Shoppings em construção
- Zona Central
- Comércio Central Periférico
- Subcentros de 1º nível

Datum: WGS 84  
 Base Cartográfica:  
 IPPUC (2018); SMF (2018)  
 Elaboração:  
 Gustavo Domingues Gaspari

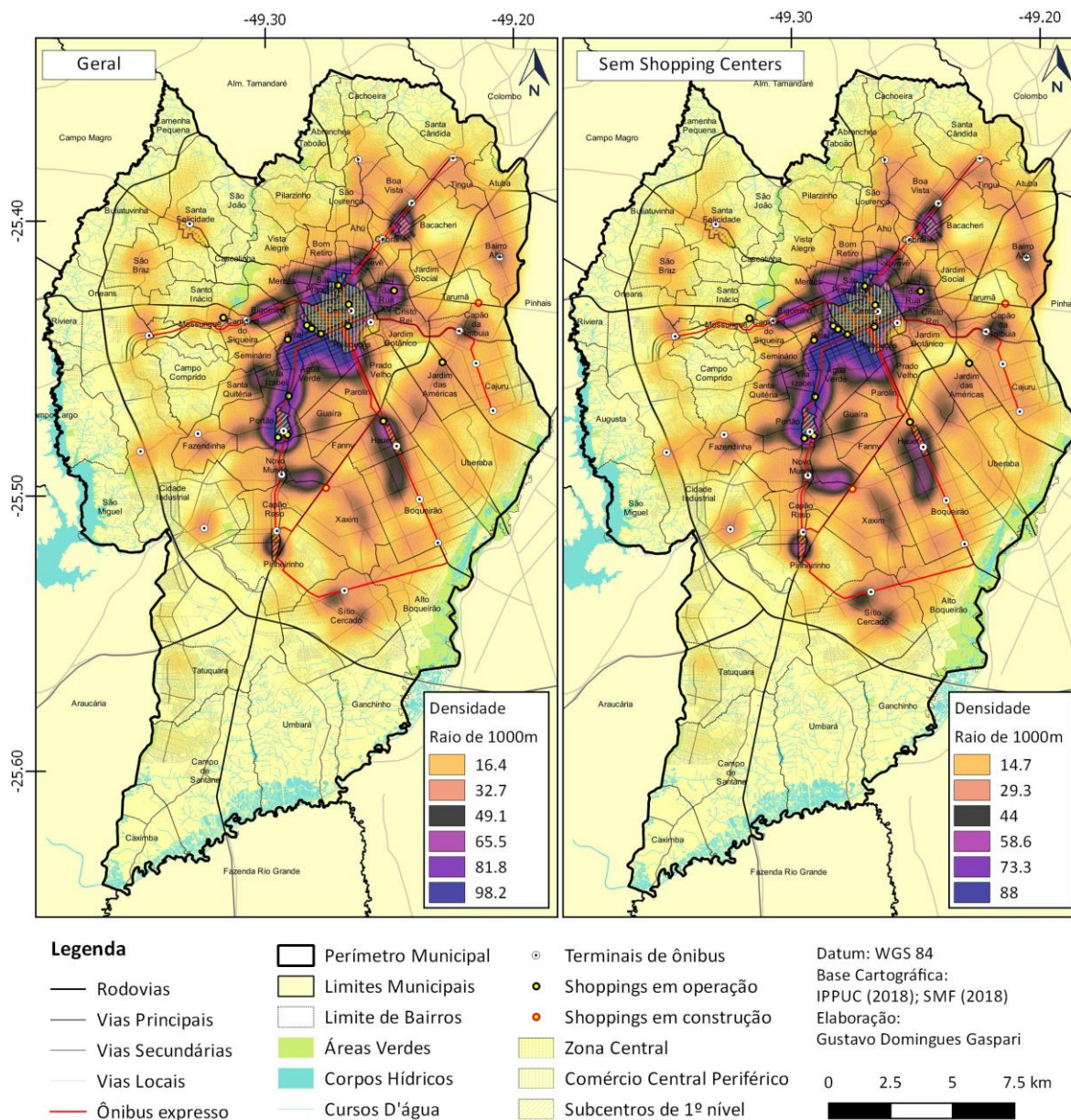


Fonte: O autor (2018)

Para o ramo do comércio de calçados e artigos de viagem é verificada no panorama sem *shoppings* uma dispersão consideravelmente maior que a do ramo de joalherias e relojarias, com a mancha do Centro apresentando expansão por alguns eixos, como nos bairros Bigorriho e Seminário, a oeste, Água Verde, Vila Izabel e Portão, ao sul, além de proximidade com manchas circulares dos Alto da XV, a leste, Juvevê e Bacacheri, a nordeste, e Bom Retiro ao norte. Outras manchas de maior densidade também são observadas em bairros mais distantes do Centro de população de menor renda, geralmente próximas a terminais de transporte, como nos bairros Hauer e Boqueirão, a sudeste, Pinherinho e Sítio Cercado ao sul, o segundo com uma mancha de grande dimensão, Cidade Industrial a sudoeste e Capão da Imbuia a leste, além de outra entre os bairros Capão Raso e Novo Mundo (Avenida Brasília). Em todos os subcentros de 1º nível há manchas de alta e média densidade.

Já no panorama geral, a contabilização dos pontos em *shoppings*, que detêm mais de 20% da quantidade de alvarás no ramo, altera drasticamente a distribuição das manchas de densidade mais elevada, gerando pontos com forte intensidade onde se localizam, inclusive sobre áreas que também apresentaram alta densidade no outro cenário, como no Portão, além de atenuar diversas das manchas observadas, dos quais se destacam somente as do Centro e dos bairros Bacacheri, Sítio Cercado e Bom Retiro. A Figura 5 a seguir expõe os panoramas para a atividade de comércio de telefonia e informática.

Figura 5- Densidade de distribuição de alvarás do comércio varejista de equipamentos e suprimentos de telefonia e informática (Classes CNAE 47.51-2 e 47.52-1) em Curitiba



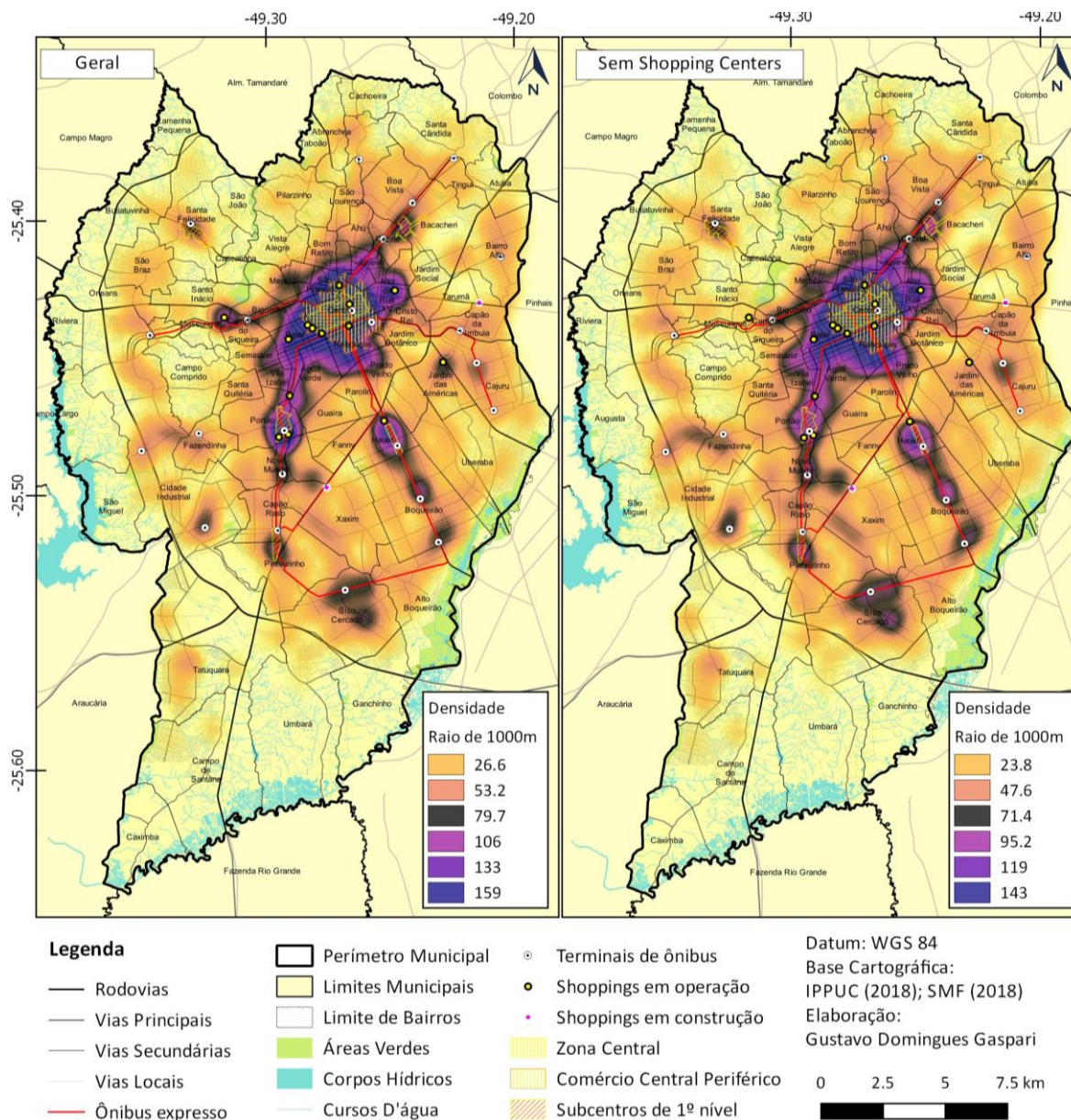
Fonte: O autor (2018)

Para o ramo de telefonia e informática observa-se uma vasta mancha de alta densidade que do Centro da cidade se expande para o eixo estrutural sul, até o bairro Portão, como também para os bairros Rebouças, a sudoeste, acompanhando o eixo de transporte que liga o Centro ao bairro do Boqueirão. Outras manchas são observadas em bairros que também figuraram na análise anterior, tais como no Bacacheri, Pinheirinho, Bigorrião, Hauer e entre o Capão Raso e Novo Mundo, indicando, através da repetição de manchas para atividades diferentes, alguma diversidade de atividades nessas áreas de centralidade.

No comparativo com o panorama contendo os *shoppings*, nota-se, diferente dos ramos até então analisados, pouca variação, compatível com a baixa proporção das lojas em *shopping centers* nesse ramo, apenas 3,76%. Em relação aos subcentros, o de Santa Felicidade

destoa dos demais ao não apresentar mancha de densidade significativa. A seguir, apresentam-se os panoramas para o ramo de bares e restaurantes.

Figura 6- Densidade de distribuição de alvarás das atividades de restaurantes, bares e similares (Classe CNAE 56.11-2) em Curitiba



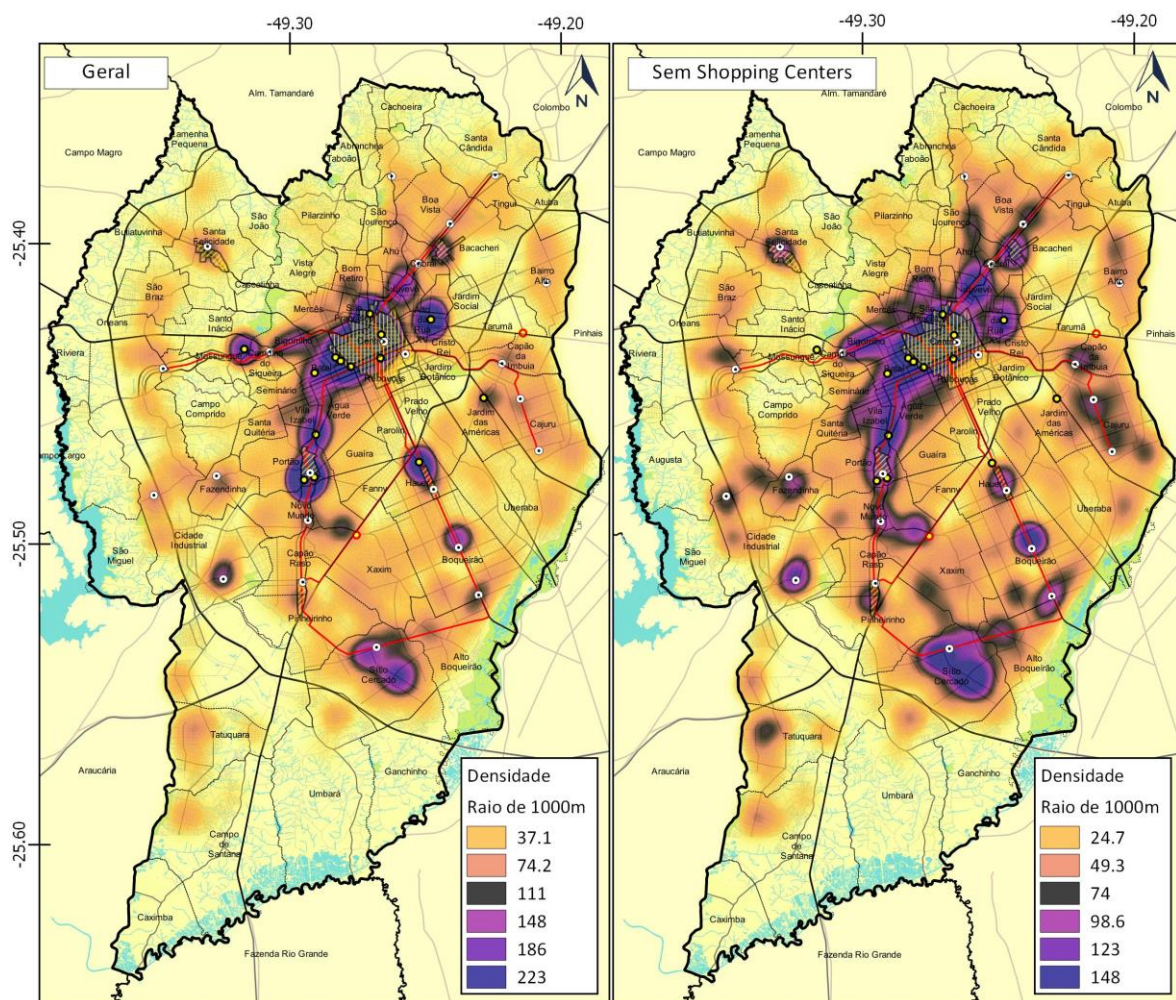
Fonte: O autor (2018)

Neste ramo de atividade, a mancha de densidade central é a que demonstra uma característica que mais se aproxima de uma expansão radial, ultrapassando os limites do bairro Centro em praticamente todas as direções, exceto para o bairro Jardim Botânico, com destaque, novamente, para o eixo sul até o bairro Portão. Essa constatação indica para a importância dos bairros pericentrais como áreas de agregação desse tipo de estabelecimento. Por outro lado, nessa análise o bairro Bigorrilho, que havia aparecido com destaque nos mapas anteriores, apresenta menor participação. Outros pontos se destacam, vários deles nas

proximidades de terminais de transporte, num panorama similar ao do ramo de calçados sem os pontos em *shoppings*.

Entretanto, diferente do ramo de calçados, o cenário obtido para os bares e restaurantes não se altera drasticamente com a adição dos *shoppings* à contabilização dos dados, embora seja possível notar manchas ligadas especificamente a alguns desses localizados mais distantes do Centro, como no Barigui (bairro Mossunguê), no Ventura e Palladium (bairro Portão, intensificando a mancha nele presente) e Cidade (parcialmente deslocando a mancha do Hauer). Por fim, a Figura 7 ilustra os panoramas para a atividade varejista de vestuário e acessórios

Figura 7- Densidade de distribuição de alvarás do comércio varejista de vestuário e acessórios (Classe CNAE 47.81-4)



**Legenda**

- Rodovias
- Vias Principais
- Vias Secundárias
- Vias Locais
- Ônibus expresso

- Perímetro Municipal
- Limites Municipais
- Limite de Bairros
- Áreas Verdes
- Corpos Hídricos
- Cursos D'água

- Terminais de ônibus
- Shoppings em operação
- Shoppings em construção
- Zona Central
- Comércio Central Periférico
- Subcentros de 1º nível

Datum: WGS 84  
 Base Cartográfica:  
 IPPUC (2018); SMF (2018)  
 Elaboração:  
 Gustavo Domingues Gaspari

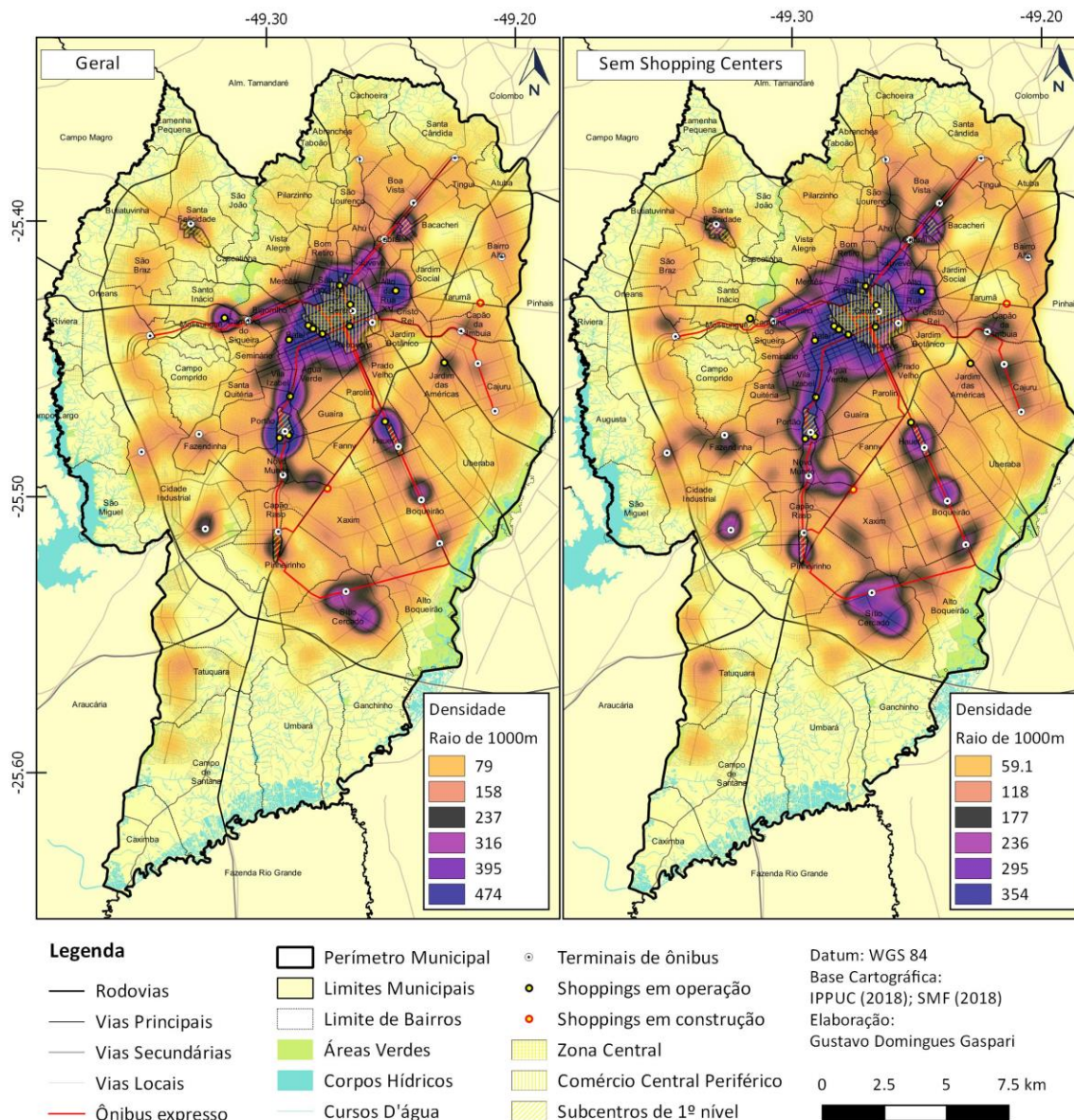


Fonte: O autor (2018)

De todos os ramos de atividade abordados, é possível dizer que o de vestuário é o que apresenta maior ocorrência de manchas de média e alta densidade em bairros mais distantes do Centro, com destaque para a vasta mancha do bairro Sítio Cercado, bem como o conjunto de manchas nos bairros Capão da Imbuia e Cajuru, a leste do Centro, e Fazendinha e Cidade Industrial, a sudoeste deste. Verifica-se novamente uma forte mancha no eixo sul entre o Centro e o bairro Portão, além de variadas manchas em bairros próximos ao Centro, que quase se unem à do Centro propriamente dito. Quando considerados os *shoppings*, diversas das manchas se retraem, inclusive nos subcentros do Pinheirinho e Santa Felicidade, além daquelas observadas nos bairros ao redor do Centro, fazendo com que, junto do ramo de calçados, este seja o que mais apresenta alteração na dinâmica geral com a operação dos *shoppings*.

Já na comparação entre os cinco ramos abordados, verificou-se que os de joalherias e relojoarias, de calçados e de vestuário e acessórios figuraram como os que têm mais lojas em termos relativos, instaladas em *shoppings*, o que se traduz em mapas cuja polarização dos estabelecimentos localizados nesses centros comerciais foi mais intensa. De acordo com o trabalho de Ferreira e Firkowski (2010), esses três ramos colocam-se entre os cinco cujo faturamento total apresenta maior participação das lojas implantadas nos *shoppings* de Curitiba, junto das lojas de artigos esportivos e departamentos, não abordadas no presente estudo, o que reforça, para além da quantidade de estabelecimentos, a polarização dessas estruturas no que diz respeito à circulação de capital. A seguir, apresentam-se os panoramas comparativos para a totalidade de alvarás.

Figura 8- Densidade de distribuição de alvarás para a totalidade dos tipos de atividade selecionados



Fonte: O autor (2018)

Na figura acima, nota-se que a inserção dos *shoppings* causa um efeito significativo de retração nas demais manchas, com destaque para a área ao redor do centro que perde intensidade. São mantidas, ainda que com menor peso, uma série de manchas nos eixos estruturais e em outros que compõem o sistema de ônibus expresso, como nos bairros Hauer, Boqueirão (a sudeste do Centro), Sítio Cercado, Pinheirinho, Capão Raso/Novo Mundo (ao sul), Capão da Imbuia, Cajuru (a leste) e Bacacheri (a nordeste).

Ao se analisar especificamente os subcentros de 1º nível identificados em 1987, nota-se que todos figuram com graus de intensidade relativamente elevados, embora no cenário atual estejam acompanhados de outras áreas que no referido estudo figuravam como subcentros de níveis inferiores ou sequer apareciam, mas que nos resultados obtidos demonstraram densidade similar ou, inclusive, mais intensa. Algumas áreas, como as do

Boqueirão, Cidade Industrial e Sítio Cercado, que figuram como as mais deslocadas para a periferia, embora não se destaquem em todos os ramos isoladamente, apresentam no cômputo geral relevantes níveis densidade, o que aponta para sua possível consolidação e aumento de importância desses locais no atendimento às necessidades de consumo das populações de menores níveis de renda e mais afastadas do Centro.

Por fim, com o objetivo de captar tendências ao longo das últimas décadas, realizou-se uma análise temporal da emissão de alvarás com base no dado de data de emissão constante na base utilizada. Os períodos utilizados para o recorte foram organizados de acordo com os anos que representam diferentes fases de lançamentos de *shopping centers*, ou seja, até 1995, quando predominavam estruturas de menor porte próximas ao Centro, entre meados dos anos 1990 e meados dos anos 2000, quando estruturas maiores foram lançadas, tanto próximas quanto mais distantes do centro, entre 2006 e 2012, período no qual inaugurou-se o Palladium em 2008, maior estrutura do tipo existente atualmente, e de 2013 até 2018.

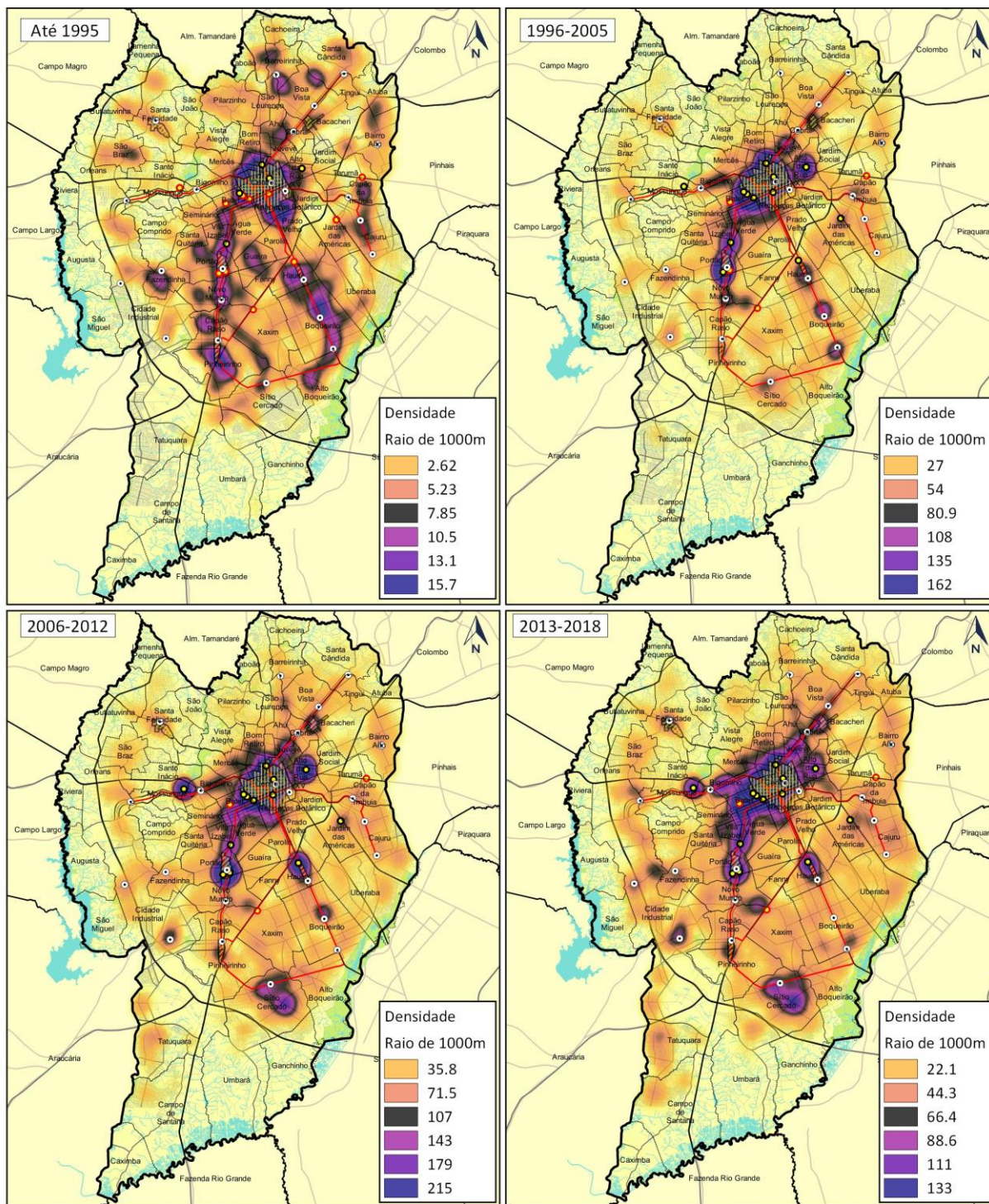
Tabela 2 – Quantidade de alvarás por data de emissão por período de tempo

<b>PERÍODO DA AMOSTRA</b>	<b>QUANTIDADE DE ALVARÁS</b>	<b>% DA AMOSTRA</b>
Até 1995	1.452	3,45%
1996-2005	10.755	25,57%
2006-2012	17.096	40,65%
2013-2018	12.756	30,33%
<b>SUBTOTAL</b>	<b>42.059</b>	<b>100%</b>
Sem data ou com data inconsistente	950	-
<b>TOTAL</b>	<b>43.009</b>	<b>-</b>

Fonte: O autor (2018) a partir de SMF (2018)



Figura 9- Densidade de distribuição de alvarás dos ramos selecionados entre períodos



**Legenda**

- Rodovias
  - Vias Principais
  - Vias Secundárias
  - Vias Locais
  - Ônibus expresso
  - Perímetro Municipal
  - Limites Municipais
  - Limite de Bairros
  - Áreas Verdes
  - Corpos Hídricos
  - Cursos D'água
  - Terminais de ônibus
  - Shoppings em operação
  - Shoppings futuros
  - Zona Central
  - Comércio Central Periférico
  - Subcentros de 1º nível
- Datum: WGS 84  
 Base Cartográfica: IPPUC (2018); SMF (2018)  
 Elaboração: Gustavo Domingues Gaspari
- 0 2.5 5 7.5 km

Fonte: Elaboração própria.

O Centro se mantém com alta concentração em todos os recortes, sendo que os bairros pericentrais apresentam relativo declínio no período 1996-2005 e retomada nos dois períodos posteriores, visível através da expansão da mancha central. Nota-se também a consolidação de uma mancha linear ao longo do eixo estrutural sul, ligando o Centro ao subcentro do Portão, o que não ocorre nos outros eixos estruturais com a mesma intensidade. Essa dinâmica indica uma tendência de expansão radial do Centro, aproximando a mancha central de outras como as dos bairros Alto da XV, Juvevê, Mercês e Bigorriho, por exemplo, com exceção da expansão linear no eixo sul citado.

Nota-se ainda um duplo movimento nos cenários mais recentes, nos quais novos *shoppings* geraram concentrações intensas no mapa, ao mesmo tempo em que algumas áreas periféricas também concentraram alvarás, como no caso do Sítio Cercado, principalmente, além de áreas na Cidade Industrial, Capão Raso/Novo Mundo, enquanto, em movimento inverso, as manchas do Boqueirão perderam intensidade. Tal constatação indica que, em paralelo ao surgimento dos *shoppings*, áreas localizadas em bairros mais distantes se reforçaram, sugerindo, por sua localização, atenderem a um público diferente em termos de poder aquisitivo e possibilidade de acesso a áreas de centralidade mais próximas ao Centro.

## CONCLUSÃO

Demonstrou-se no presente trabalho, que através da quantificação de estabelecimentos é possível realizar uma leitura da dinâmica de descentralização e formação de áreas de centralidade, evidenciando o caráter policêntrico da dinâmica no contexto curitibano, embora a questão da importância que cada uma das áreas e estruturas comerciais tem para a dinâmica abordada possa incluir diversas outras variáveis. Questões como quantidade, origem e modal de deslocamento até essas áreas, por exemplo, constituem um fator que permitiria avançar na caracterização das diversas áreas de centralidade observadas. Não obstante, verificou-se a continuidade e a complexificação na dinâmica do processo de formação de novas áreas de centralidade, públicas, sobretudo em regiões periféricas, e privadas, sendo possível visualizar também uma expansão da densidade ao redor do Centro, que indica para um movimento expressivo de conversão de usos nas áreas pericentrais, além da consolidação de um eixo comercial entre o Centro e o bairro Portão, que nesse caso se alinha com o objetivo de expansão linear do Centro historicamente privilegiada pelo planejamento urbano em Curitiba.

Quanto aos *shopping centers* ainda é necessário considerar que sua relevância no processo, para além de apresentarem concentração elevada de estabelecimentos comerciais, maior ou menor para tipos diferentes de comércio, fatores como horários e dias de funcionamento diferentes em relação aos estabelecimentos em área pública, disponibilidade de estacionamento, segurança reforçada e mesmo *status*, contribuem para que seu papel relativo na constituição de áreas de centralidade se amplie.

Conforme evidenciado por Ferreira e Firkowski (2010), Curitiba difere de outras capitais no tocante à localização dos *shopping centers* implantados na cidade, uma vez que esses tendem historicamente a localizarem-se próximos ao Centro. No entanto, os dois *shoppings* atualmente em construção apontam para a possibilidade de uma alteração nessa

lógica, pois serão implantados em pontos mais distantes do Centro, em vias de ligação regional distantes de terminais principais de transporte coletivo (Jockey Plaza na Av. Victor Ferreira do Amaral e Boulevard na Linha Verde), o que indica para uma busca por frequentadores que se deslocam mediante o uso do automóvel. Além disso, ao menos para os ramos analisados no presente estudo, se inserirão em pontos onde há poucas manchas de densidade elevada de estabelecimentos nas proximidades, o que incidirá em novas áreas de centralidade com forte poder de atração independentes de dinâmicas anteriores. Assim, reforça-se a necessidade deste tipo de empreendimento ser enquadrado de maneira mais objetiva nas políticas e mesmo nos diagnósticos desenvolvidos pelo poder público para o ordenamento territorial, devido à sua capacidade de transformação da dinâmica de onde se inserem em curto período de tempo.

No que tange à metodologia, o emprego dos mapas de calor orientados pela densidade de estabelecimentos permitiu visualizar um panorama geral do município, destacando áreas de concentração que podem ser estudadas a partir de escalas menores. Com o uso dessa ferramenta e manuseio de seus parâmetros é possível ainda verificar áreas com distintos raios de abrangência, sendo que o adotado no presente estudo, de 1000m, é somente uma das possibilidades, o que permite que em trabalhos futuros, com patamares de densidade pré-determinados, diferentes dos valores estipulados automaticamente conforme a quantidade de pontos utilizados, seja possível analisar a distribuição a partir de outros termos e objetivos, contribuindo para o avanço do estudo e compreensão da dinâmica de dispersão da centralidade no território das cidades.

## REFERÊNCIAS

- ABRASCE - Associação Brasileira de Shopping Centers: Guia de Shoppings. Lista de Shoppings. Paraná. Disponível em: <<http://www.portaldoshopping.com.br/guia-de-shoppings/todos/PR>>. Acesso em: 21/11/2018.
- ASCHER, François. *Os Novos Princípios do Urbanismo*. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- CASTELLS, Manuel. *A questão Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed., 1983.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- DUDEQUE, Irã Taborda. *Nenhum dia sem uma linha: uma história do urbanismo em Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, 2010.
- FERREIRA, Alexandre Gomes; FIRKOWSKI, Olga Lucia Castreghini de Freitas. Shopping Centers em Curitiba: Contextualização Espacial e no Âmbito da Economia Urbana. In: *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n.119, 215-236, jul./dez. 2010.
- FONSECA, Maria de Lourdes Pereira. *O estudo das centralidades das áreas periféricas da cidade de São Paulo*. São Paulo: CEM/Cebrap, 2009. Relatório de Pesquisa.

- HELD, Natália. *Zona Leste de São Paulo - um território de contrastes: perspectivas de desenvolvimento urbano e dinâmicas socioeconômicas*. 287 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão do Território) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território, Universidade Federal do ABC, Santo André/SP, 2016.
- IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. *Estrutura Policêntrica de Curitiba*. Curitiba: IPPUC, 1987
- IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. *Geodownloads*. Base de dados digital. Disponível em: <http://ippuc.org.br/geodownloads/geo.htm>. Acesso em: 21/11/2018.
- LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Tradução de: Martins, Sérgio. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- OLIVEIRA, Sergio Ricardo Goes; JESUS, Lidiane Queiroz. Há um modelo de Tenant Mix Brasileiro para Shopping Centers?. In: *The Latin American Retail Conference (CLAV)*, São Paulo, 2016.
- PINTAUDI, Silvana Maria. O Shopping Center no Brasil. Condições de surgimento e estratégias de localização. In: Pintaudi, Silvana Maria; Frúgoli Jr., Heitor. *Shopping Centers. Espaço, Cultura e Modernidade nas Cidades Brasileiras*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- SANTOS, Jorge. *ArcGIS: Geocodificação de Endereços com Google Fusion Tables, Excel e Google Earth*. 07 out. 2017 Disponível em: <http://www.processamentodigital.com.br/2017/10/07/arcgis-geocodificacao-de-enderecos-com-google-fusion-tables-excel-e-google-earth/>. Acesso em: 21/11/2018.
- SMF – Secretaria Municipal de Finanças. Prefeitura de Curitiba. *Dados Abertos*. Base de dados digital. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/dadosabertos/consulta/>. Acesso em: 21/11/2018.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. *Revista de Geografia*. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 1991 v.10. p. 1-18
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Multi(poli)centralidade urbana. In: Sposito, Eliseu Savério; Sant'Anna Neto, João Lima. (orgs.) *Uma Geografia em Movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 199-228.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: Vasconcelos, Pedro de Almeida; Corrêa, Roberto Lobato; Pintaudi, Silvana Maria. *A Cidade Contemporânea. Segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93
- TOURINHO, Andrea de Oliveira. Do Centro às novas centralidades: uma trajetória de permanências terminológicas e rupturas conceituais. In: Gitahy, Maria Lucia Caira; Lira, José Tavares Correa de. (orgs.). *Cidade: impasses e perspectivas*. São Paulo: Annablume, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2007.

- TURBAY, André Luiz Braga. *A cidade pretendida e o licenciamento ambiental urbano em Curitiba - PR*. 219 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) - Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.
- VARGAS, Heliana Comin. *Espaço Terciário: o lugar, a arquitetura, e a imagem do comércio*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- VENOSA, Sílvio de Salvo. *Lei do inquilinato comentada: doutrina e prática: lei n. 8.245 de 18.10.1991*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- VILLAÇA, Flávio José Magalhães. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 2001.
- YUO, Tony Shun-Te; CROSBY, Neil; LIZIERI, Colin, MCCANN, Philip. Tenant Mix Variety in Regional Shopping Centres: Some UK Empirical Analyses. *Real Estate & Planning Working Papers*. Henley Business School, Reading University. Reading, Reino Unido, 2004.